

A EDUCOMUNICAÇÃO NA ÓTICA PEDAGÓGICA: IMERSÃO DOS ESPAÇOS EDUCATIVOS EM UM ECOSISTEMA EDUCOMUNICATIVO

Silvana Malusá Baraúna¹
Igor Aparecido Dallaqua Pedrini²
Cinthia Faria Junqueira³

RESUMO

A compreensão do termo “educomunicação” e como ele se aplica enquanto prática pedagógica está diretamente relacionada com a criação do ecossistema educacional, visto que este ecossistema pode proporcionar meios para o desenvolvimento intelectual, tecnológico e criativo dos alunos, sendo esse ambiente adequado para o acesso à informação, compartilhamento de experiências, comunicação e aprendizado. O objetivo deste trabalho é mostrar as possibilidades, a partir da educomunicação atrelada à prática pedagógica, de se construir um ecossistema educacional por professores dos anos iniciais do ensino fundamental. Como metodologia, se articulou o referencial teórico sobre o conceito, sem esgotá-lo. Como resultado da discussão, foram evidenciadas as possibilidades de se construir um ambiente educacional a partir da reflexão e ação do professor.

Palavras-chave: Educomunicação. Ecossistema Educacional. Educação.

1. Introdução

A abordagem educacional se trata de um campo teórico-prático que apresenta formas de intervenção com base em determinadas linhas, entre elas, destacam-se: educação para a mídia; produção de conteúdos educativos; uso das mídias na educação; entre outros, Soares (2011) ressalta que a educomunicação fundamentalmente se trata de uma práxis social, consequentemente gera um paradigma orientador da gestão de ações promovidas em sociedade.

Sendo a educomunicação, “[...] o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a

¹ Programa pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação; Universidade Federal de Uberlândia-UFU; Doutorado; silmalusa@yahoo.com.br

² Programa pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação; Universidade Federal de Uberlândia-UFU; Doutorado; ia.pedrine@gmail.com

³ Programa pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação; Universidade Federal de Uberlândia-UFU; Mestrado; cinthiafariajunqueira@hotmail.com

fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais [...]” (SOARES, 2002, p. 24).

Dessa forma, é preciso pensar em espaços formadores que compreendem todos os sujeitos envolvidos no processo educacional, especialmente na formação dos professores: “Os educadores e educadoras, como sujeitos também em formação, são essencialmente reconhecidos como articuladores do processo educacional” (ANDRADE, 2004, p. 263).

Nesse sentido, observamos como o professor se posiciona no presente contexto:

O papel docente mais relevante é ajudar os estudantes a aprender de forma profunda, ampla, experiencial, reflexiva. O docente será cada vez mais um orientador, um tutor e um mentor. Um orientador dos caminhos mais interessantes para aprender, das estratégias que fazem mais sentido para cada estudante e para os diversos grupos. Ele será um tutor que ajudará nas dúvidas mais significativas (as básicas a tecnologia o fará), a problematizar, a trazer outros pontos de vista. O papel mais novo e relevante que se desenha a partir de agora para o docente é o de mentor (MORAN, 2021, p. 1).

Moran (2007) acrescenta que somente podemos educar para a autonomia, para a liberdade, fazendo uso de processos participativos, interativos, libertadores, respeitando as diferenças, incentivando, apoiando, sendo orientados por pessoas e organizações livres. Embasado na afirmação de Moran (2007), nota-se que a emancipação da educação surgirá a partir da conscientização de cada um, buscando sempre a independência cognitiva do aluno.

A partir da articulação de referencial teórico, este trabalho buscou mostrar que é fundamental que os espaços educativos ofereçam os meios para que o aluno encontre sua autonomia e compreenda seu sistema de aprendizagem, visto que cada aluno é um ser único, dotado de personalidade, e que seu interesse em determinados assuntos é o que o levará em busca do conhecimento.

2. Compreendendo a educomunicação

No primeiro contato com o termo educomunicação é normal que se busque seu significado partindo da junção das palavras ‘educação’ e ‘comunicação’, porém para se contextualizar corretamente, é preciso conhecer os acontecimentos tecnológicos e como

se estruturou a sua influência direta sobre os campos da educação escolar e da comunicação social.

Sendo um movimento de origem tipicamente latina, gestado no seio de movimentos sociais, a educomunicação dá mais ênfase ao último objetivo sem, no entanto, descuidar do primeiro, isso porque durante a ditadura na América Latina foi preciso alertar a população sobre duas principais condições: a invasão cultural, que por meio da veiculação massiva de produtos midiáticos importados colocava em risco a identidade nacional, e a exploração a que ela era submetida pelos governos, demonstrando serem os meios de comunicação utilizados como aparelhos ideológicos dos Estados (ALMEIDA, 2016, p. 3).

De acordo com Sartori e Soares (2005), o século XX apresentou transformações nos âmbitos sociais, econômicos, políticos e culturais, que abalaram a sociedade e que estão diretamente ligadas ao advento das tecnologias da comunicação e da informação, elas tiveram suas práticas, vivências e estruturas reorganizadas, estando presente em praticamente todos os setores da sociedade, alterando rotinas sedimentadas, tanto na vertente social quanto pessoal.

Observamos que uma geração não passa ilesa pelos dispositivos tecnológicos e midiáticos, eles podem influenciar benéficamente ou não, a tecnologia e a mídia criam, conectam e se expandem com velocidade perspicaz: “No mundo atual em que é preciso educar numa sociedade em que os dispositivos tecnológicos e midiáticos produzem outras sensibilidades, deslocalizam o saber, inauguram novas formas de expressão, Comunicação e Educação caminham juntas” (SARTORI; SOARES MS, 2005, p. 12).

Segundo Freire (1983, p. 46): “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. Sendo a sua pedagogia baseada na comunicação, Freire (1979) apresenta o diálogo como um facilitador da educação, aponta para a criação de uma atitude dialogal por parte dos educadores.

De acordo com Bomfim (2019), em concordância com o pensamento de Freire, Mario Kaplún era favorável em se empregar o diálogo como forma de educação, Kaplún trabalhou como radialista desde a juventude, estando à frente de programas educativos, influenciado por estudiosos como Célestin Freinet e Paulo Freire, desenvolveu métodos educacionais de leitura crítica da mídia, Kaplún é considerado o criador do termo “educomunicador”, inspiração para o neologismo Educomunicação.

Sobre esse aspecto, Bomfim (2019) destaca que tanto Freire quanto Kaplún compreenderam a importância da comunicação e da educação linearmente, essa percepção possibilita a participação e a interação social democrática, abertas às opiniões sem censura, aos diálogos expositivos, viabilizando mudanças na maneira de ser e de se posicionar perante os meios de comunicação e do ambiente em que habita, tais questões se destacavam entre as discussões das sociedades latino-americanas nas décadas de 1960, 1970 e 1980.

Retomando a origem do termo educomunicação, ele foi criado pelo comunicador-educador uruguaio Mario Kaplún, de acordo com Costa (2016, p.99): “Mario Kaplún é responsável pela criação e uso do termo educador comunicador para designar o professor que realiza a “Comunicação Educativa””.

No entanto, Costa (2016) aponta que Kaplún não se preocupou em identificar ou definir a existência de um novo campo nomeado como “Educomunicação”, essa denominação ocorreu na década de 1980, onde a Unesco utilizou o termo “Educomunicação”, porém com enfoque de leitura crítica das mídias. Em 1999, o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP), identificou e definiu o conceito de educomunicação como um campo autônomo de pesquisa e intervenção social, por meio de uma pesquisa coordenada pelo professor Dr. Ismar de Oliveira Soares. Na concepção do NCE/USP, o conceito é resultado de ampla pesquisa entre 1997-1999, contendo 176 coordenadores especialistas da área em 12 países do continente.

Soares (2011) aponta que sob a perspectiva NCE/USP, o conceito de educomunicação designa um campo de ação emergente na interface entre os tradicionais campos da educação e da comunicação, e que se apresenta hoje como um excelente caminho de renovação das práticas sociais, que objetivam ampliar a possibilidade de expressão de todos os seguimentos humanos, especialmente da infância e juventude.

Segundo Soares (2002), a educomunicação é fundamentada nos campos da educação, da comunicação e de outros setores das ciências sociais, superando as barreiras epistemológicas impostas pela visão iluminista e funcionalista de relações sociais que mantêm as esferas do saber isoladas e incomunicáveis.

De acordo com Ismar Soares (2011), a educomunicação é um campo de interfaces, onde as áreas da educação e da comunicação se entrecruzam com frequência.

Já para Martín Barbero (2003) o conceito deve ser empregado para nomear essa atmosfera que surge devido às tecnologias, assim cada um de nós, juntamente com a educação, estaríamos conectados. Segundo Kaplún (1999), a comunicação educativa compreende o universo midiático, “mas não apenas esta área: abarca também, e em lugar privilegiado, o tipo de comunicação presente em todo o processo educativo, seja ele realizado com ou sem o emprego dos meios” (KAPLÚN, 1999, p. 68).

Assim, com base nas abordagens, nota-se a semelhança na definição de educomunicação e percebemos que o sentido da proposta educocomunicativa é a forma participativa, dialógica e crítica com que os processos educacionais são desenvolvidos e aplicados.

3. Educomunicação: áreas de intervenção e desafios

Soares (2011) apresenta o entendimento da educomunicação através de quatro linhas de articulação teórico-práticas, que relacionam o diálogo entre a educomunicação e o sistema de ensino, que são: 1) pressupostos; 2) educomunicação como campo de interface; 3) a educomunicação nos distintos âmbitos da prática educativa; 4) a formação do professor-educomunicador.

Os pressupostos evidenciados por Soares (2011) são dois: o primeiro se refere sobre a afirmação de que a educação só acontece quando se trata de uma “ação comunicativa”, o segundo pressuposto é consolidado na asserção que expõe que toda a comunicação se trata de “uma ação educativa”.

A educomunicação como campo de interface, está diretamente relacionada com a conexão entre a educação e a comunicação, “[...] ainda que se entendam, ambos, como fenômenos distintos, a interconexão entre eles é requerida pelas próprias exigências da vida em sociedade” (SOARES, 2011, p. 18).

A próxima linha de articulação teórico-prática referenciada por Soares (2011) menciona a função da educomunicação nos distintos âmbitos da prática educativa, que são:

1°. No *âmbito da gestão escolar*, convidando a escola a identificar e, se necessário, a rever as práticas comunicativas que caracterizam e norteiam as relações entre a direção, os professores e os alunos no ambiente educativo. 2°. No *âmbito disciplinar*, sugerindo que a comunicação, enquanto linguagem, processo e produto cultural (seus

sistemas, linguagens e tecnologias), se transforme em conteúdo disciplinar, isto é, em objeto específico do currículo no âmbito da área denominada “Linguagens, Códigos e suas Tecnologias”. [...] 3º. No *âmbito transdisciplinar*, propondo que os educandos se apoderem das linguagens midiáticas, ao fazer uso coletivo e solidário dos recursos da comunicação tanto para aprofundar seus conhecimentos quanto para desenhar estratégias de transformação das condições de vida à sua volta, mediante projetos educomunicativos legitimados por criatividade e coerência epistemológica (SOARES, 2011, p. 19-20, grifos do autor).

A formação do professor-educomunicador é a quarta linha de articulação apontada por Soares (2011), e destaca a importância da formação dos educadores para a compreensão e comando sobre os recursos tecnológicos. Não se trata de ensinar o professor a utilizar os equipamentos disponíveis na escola, é sobre oferecer ao educador formação para que ao fazer o uso dos recursos tecnológicos e propostas educomunicativas, ele possa propiciar aos educandos melhores resultados pedagógicos.

A educomunicação é composta por uma essência relacional, que se organiza de um modo processual, midiático, transdisciplinar e interdiscursivo, sendo praticada na vida das pessoas que se relacionam a ela, mediante áreas de intervenção social, esse diálogo entre outros discursos, é o que assegura a sobrevivência do novo campo e das áreas de intervenção, sincronicamente, constituindo suas especificidades (SOARES, 2000).

Segundo Almeida (2016) a educomunicação utiliza determinadas áreas de intervenção, onde o ato de intervir está relacionado às seguintes apurações:

[...] exploração humana, conflitos, irregularidades, opressão, precário aproveitamento da capacidade dos indivíduos de construir conhecimento e de atuarem como protagonistas de sua própria realidade, além da supressão dos direitos básicos, principalmente, do direito à informação e à comunicação (ALMEIDA, 2016, p. 10).

Essas apurações se iniciam ao se definir os atores que estarão diretamente relacionados nas práticas aplicadas, observando aspectos pessoais e sociais, segundo Almeida (2016) após a identificação da necessidade, começa o planejamento de ações aplicando determinadas áreas de intervenção, implementando-as e avaliando os resultados obtidos.

Conseqüentemente atenta-se para a relevância da compreensão das áreas de invenção, visto que cada área busca atingir seus objetivos por meio de determinadas aplicações e projetos, alcançando assim uma maior efetividade.

O termo “**Área de Intervenção**” foi agregado à estrutura conceitual da Educomunicação já na conclusão da pesquisa do NCE/USP sobre a interface Comunicação/Educação (1997- 1999). Em última análise, foi a identificação de que diferentes tipos de ações vinham sendo desenvolvidas a partir de referenciais e metodologias semelhantes ou muito próximas entre si que possibilitou a identificação e a sistematização de um novo campo de conhecimento e de prática social, na América Latina. As Áreas de Intervenção asseguram a especificidade e a diversidade do novo campo frente a outras abordagens que buscam **aproximar comunicação e educação** (SOARES, 2017, p. 14, grifo nosso).

Segundo Soares (2017) essas atividades de intervenção são classificadas em sete modalidades nomeadas como: 1) Gestão da Comunicação nos Espaços Educativos; 2) Educação para a Comunicação; 3) Mediação Tecnológica nas Práticas Educativas; 4) Expressão Comunicativa; 5) Produção Midiática; 6) Pedagogia da Comunicação; 7) Reflexão Epistemológica.

De acordo com Schaun (2002) as áreas têm sido discutidas tanto na educação quanto na comunicação. A autora defende que cada uma delas e seu conjunto sejam pensados e promovidos a partir da perspectiva da educomunicação, visto que as áreas representam uma síntese, uma vez que parecem agrupar as várias ações possíveis no espaço da inter-relação educacional.

Baccega (2009) aponta que comunicação/educação não se concentra apenas na educação para os meios, leitura crítica dos meios, uso da tecnologia em sala de aula, a formação tecnológica do professor e o seu contato com os meios, entre outros, mas o seu objetivo se baseia na construção da cidadania, sob a perspectiva de um mundo editado, conhecido e criticado. Portanto, o campo educacional envolve desde o território digital à arte educação, do meio ambiente à educação à distância, além de diversos pontos, incluindo os múltiplos suportes, as várias linguagens- televisão, rádio, jornal, cinema, teatro, cibercultura, entre outros. “Tudo percorrido com olhos de congregação das agências de formação: a escola e os meios, voltados sempre para a construção de uma nova variável histórica” (BACCEGA, 2009, p. 20).

Segundo Baccega (2009) o campo da comunicação/educação é complexo e desafiador, a autora evidencia algumas questões, entre elas:

Enfrentar a complexidade da construção do campo comunicação/educação como novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes. Para isso há que reconhecer os meios de comunicação como outro lugar do saber, atuando juntamente com a escola e outras agências de socialização. Essa é uma barreira a ser transposta (BACCEGA, 2009, p. 21).

Assim, conforme a colocação da autora é possível identificar a essencialidade da escola e demais agências, que desempenham seu papel de formadoras de uma consciência crítica em cada sujeito que ali se insere, contribuindo na interpretação e análise ponderada dos meios de comunicação.

Outro desafio apontado por Baccega (2009) se direciona sobre a necessidade do sujeito de se posicionar na realidade em que se encontra.

Verificar criticamente que a realidade em que estamos imersos, e que contribuímos para produzir, modificar e reproduzir, é sempre uma realidade mediada e mediatizada. [...] É desafio do campo comunicação/educação levar a saber ler e interpretar o mundo que, metonimicamente, nos é passado como sendo a totalidade e conseguir reconfigurar essa totalidade, partindo de sua materialidade, e não a partir de nossos desejos, por mais nobres que sejam (BACCEGA, 2009, p. 23).

É fundamental despertar para uma visão crítica, proporcionada pela constante indagação. O questionamento direciona para a busca de uma nova compreensão, a discordância leva a discussão e a argumentação, a busca por respostas conduz para o reconhecimento das informações que surgem no cotidiano.

Uma adversidade a ser superada, seria a compreensão de um mundo editado, “[...] ou seja, ele é redesenhado num trajeto que passa por centenas, às vezes milhares, de mediações, até que se manifeste no rádio, na televisão, no jornal, na cibercultura. Ou na fala do vizinho e nas conversas dos alunos” (BACCEGA, 2009, p. 25).

Toda essa edição e reedição que envolve as informações que temos acesso destacam a importância da interpretação das informações pelo seu receptor, incitando ao pensamento analítico, dinâmico e interativo.

Esse é mais um dos desafios do campo: proporcionar condições para que o receptor, sujeito ativo, seja capaz de ressignificar a partir de seu universo cultural, participando da construção de uma nova variável histórica (BACCEGA, 2009).

O sujeito articulado em diversos aspectos, em especial, na vertente cultural, se estabelece no espaço em que participa e o confronta, essa provocação contribui para a formatação da sociedade.

Segundo Baccega (2009), enfrentar os desafios, tornará o campo comunicação/educação apto a conduzir os alunos a uma produção que reconheça os aspectos da cultura em que estão inseridos, abrindo discussões sobre o desenvolvimento da sociedade, sua inclusão na totalidade do mundo, e então conhecendo-o para modificá-lo, reformando-o e revolucionando-o, a partir de uma nova linguagem audiovisual, num mundo novo.

Estimular os alunos a desenvolver sua produção audiovisual, é apreciável, visto que proporciona uma visão da totalidade que envolve determinado produto, potencializa o intelecto e estimula a criatividade, no entanto, a provocação de sua capacidade para analisar e questionar o conteúdo das informações e programações que já é oferecido através dos programas de televisão, dos filmes, canais de conteúdo digital como o *YouTube*, entre outros, é indispensável, a interpretação é tão necessária quanto a criação.

[...] cabe ponderar que o desafio posto pelas técnicas e tecnologias não diz respeito a um problema de maior ou menor habilidade no manuseio dos dispositivos, mas, sobretudo, à capacidade de aguçar a consciência que se elabora e se alarga diante de uma realidade em mutação e no interior da qual são constituídas as significações e os sentidos plasmados pelas linguagens (CITELLI; SOARES; LOPES, 2019, p. 21).

Citelli, Soares e Lopes (2019) destacam que o problema que permeia a sociedade comunicativa é devido à imersão em um cenário histórico-cultural, onde os componentes sociotécnicos estão inclusos nas atividades diárias, as mudanças decorrentes das tecnologias digitais, concederam aos sujeitos, oportunidades de produção de signos, elaborações simbólicas e representacionais. Os autores exemplificam, como a facilidade de se manter um blog, criar canais de interlocução, atuar como influenciador digital, entre outros. No entanto, os autores, apontam que essa facilidade não significa um aumento da consciência dos sujeitos diante dos meios de

comunicação, nem que tenha ocorrido uma verdadeira democratização nos processos comunicacionais.

Certamente nem tudo é resolvido por meio da educação escolar, entretanto sua contribuição é fundamental quer na formação propedêutica dos discentes quer para o âmbito mais geral dos vínculos entre o cidadão e a sociedade: exercício da tolerância, reconhecimento das formas democráticas, valorização das ciências e das artes, capacidade de dialogar e intervir. Tais condições, entre outras a elas análogas, representam cada vez mais ativos para levar a cabo princípios civilizatórios que estão sendo postos à prova em nossos dias. [...] Do que se cuida, portanto, é entender o papel da educomunicação no encaminhamento de um projeto de trabalho que possa afirmar os princípios da cidadania no interior de uma sociedade profundamente atravessada pelos processos de comunicação (CITELLI; SOARES; LOPES, 2019, p. 22).

4. Ecossistemas educacionais e os espaços educacionais

A função da educomunicação é maior do que a inserção de projetos na esfera comunicativo-educacional, não se tratando apenas da sugestão do uso da televisão ou do computador em sala de aula. É fundamental a ampliação da ótica pedagógica na perspectiva educacional, a necessidade de integralização, a escola absorve os meios em suas práticas, porém ainda é preciso avançar em direção ao despertar da cidadania e da consciência crítica, imergindo a escola e seus componentes em um ecossistema educacional.

Na relação entre educação e comunicação, a última fica quase sempre reduzida a sua dimensão instrumental, quer dizer, ao uso das mídias, e assim se deixa de fora do debate justamente aquilo que seria estratégico pensar: a inserção da educação nos complexos processos de comunicação da sociedade atual ou, dito de outra forma, no ecossistema comunicativo que constitui o entorno educacional difuso e descentrado em que estamos imersos. Um entorno difuso de informações, linguagens e saberes, e descentrado pela relação dos dois centros- escola e livro- que organizam ainda o sistema educacional vigente (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 339-340).

Sobre a grafia, levando em consideração as duas formas de escrita ‘ecossistema comunicativo’ e ‘ecossistema educacional’, optamos por utilizar neste artigo o termo ecossistema educacional:

Ecossistemas comunicativos e ecossistemas de aprendizagem partilham do mesmo projeto: proporcionar educação no contexto da

cultura digital. Quando a concepção de aprendizagem e a de comunicação se dão pela ideia da dialogicidade e da ação em rede, temos um ecossistema educacional (SARTORI, 2021, p. 74)

Um ecossistema educacional proporciona mais do que acesso às TDIC's⁴, ele oferece ferramentas para a criação de conteúdo, ao desenvolvimento de uma visão ampla do contexto social, econômico, cultural e político em que está envolvido. Sua fonte de informação não se restringe ao conteúdo oferecido na escola, nem nos livros, as informações chegam por diversos recursos midiáticos, a habilitação da consciência crítica e o aprimoramento e fortalecimento da sua representação no contexto onde este sujeito está inserido, é uma das possibilidades onde a educação é oportunizada no ambiente escolar.

Entre os desafios colocados à educação pela comunicação está o desnível de inclusão social e cultural nos ecossistemas comunicativos e informacionais. O uso instrumental dos meios deixa de fora o ecossistema comunicativo – complexo processo de comunicação da nossa sociedade atual. Nestes termos, o desafio ultrapassa a perspectiva da educação com as mídias ou para as mídias, mas pode ser entendido de modo mais amplo como possibilidade de educar apesar das mídias e, em certos casos, contra as mídias (SARTORI, 2010, p. 41).

Martin-Barbero (2000) destaca o papel que a comunicação representa para a sociedade, tanto nos processos de desenvolvimento econômico quanto nos processos de democratização política e social, sendo a informação e o conhecimento necessários para o desenvolvimento social.

Preocupar-se com ecossistemas comunicativos em espaços educacionais é levar em conta que a escola é espaço complexo de comunicações, no qual o educador deve considerar o entorno cultural do aluno e seus pares de diálogo – colegas, família, mídia – para planejar ações que possibilitem a participação, a construção e troca de sentidos. Para tal, é necessário que a escola esteja preparada para enfrentar e dialogar com percepções de mundo diferentes das que enfrentava décadas atrás. [...] Proporcionar e potencializar

⁴ TDICs (Tecnologias digitais da informação e comunicação), têm alterado formas de trabalhar, de se comunicar, de se relacionar e de aprender. Na educação, as TDICs têm sido incorporadas às práticas docentes como meio para promover aprendizagens mais significativas, com o objetivo de apoiar os professores na implementação de metodologias de ensino ativas, alinhando o processo de ensino-aprendizagem à realidade dos estudantes e despertando maior interesse e engajamento dos alunos em todas as etapas da Educação Básica. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 16 mar. 2022.

ecossistemas comunicativos é criar condições para que os educandos digam a sua própria palavra, pronunciando o mundo de modo significativo, participativo e transformador, como cidadãos. Trata-se de nova tarefa para a escola: dialogar com a aprendizagem distraída (SARTORI, 2010, p. 47).

Os ecossistemas educacionais ultrapassam os limites da escola, o virtual permeia vigorosamente o cotidiano, no entanto, cabe à escola conhecer e entender os sujeitos que compõe o seu contexto, identificando as formas que a educação pode ser inserida a essa comunidade escolar, fazendo uma mediação tecnológica.

Ecossistemas educacionais não seriam apenas os sistemas orgânicos – como órgãos – mas, sistemas inorgânicos e principalmente técnicos de expressão. Caberia aos novos educadores tentar conhecer a estrutura de organização e representação dos grupos existentes no "sistema escolar" bem como, nos sistemas de representações consumidos pelos receptores desse sistema escolar e identificar quais os esquemas de representações estão em germinação ou já enraizados. O objetivo é conservar as representações que a comunidade concebe como importantes, trocar, rever ou mesmo jogar fora algumas, para com isso poder sempre recriar a vida (SALVATIERRA, 2010, p. 5-6).

O ecossistema educacional engloba um emaranhado de sistemas e recursos que propõe a educação diversas ferramentas para o ensino e aprendizagem, fomentando a necessidade de se posicionar frente à comunidade escolar e os recursos tecnológicos, contribuindo para que os sujeitos se conscientizem sobre sua prática, desenvolvendo linguagens e escrita, além de um pensamento questionador sobre o conteúdo que lhe é ofertado.

5. Considerações Finais

Verificamos como a educação contribui para a consolidação de um ecossistema educacional aberto e disponível a aplicação e utilização dos recursos digitais, proporcionando maiores possibilidades para oportunizar o ensino e a aprendizagem em diversos aspectos, elucidando o sujeito sobre o seu papel de protagonista na utilização dos meios.

Sob a perspectiva educacional, Schöninger, Sartori e Cardoso (2016) expõem que a educação tem como objetivo a disponibilização de práticas que proporcionam uma formação crítica da produção, recepção e gestão de processos

comunicacionais, a fim de intensificar a comunicação entre a pedagogia e as mídias, buscando o desenvolvimento de ecossistemas educacionais. As autoras interpretam o ecossistema educacional como um ambiente que proporciona a construção e reconstrução do conhecimento de forma coletiva, estando em permanente estado de compartilhamento e reflexão sobre a produção pedagógica.

A prática pedagógica educacional se trata de uma ação mediadora, que tem como objetivo a intensificação dos ecossistemas comunicativos alcançando todos os envolvidos no processo educativo, contribuindo com a construção de novos espaços de aprendizagens, através de uma conexão ativa e criativa dos estudantes com as suas referências midiáticas (SCHÖNINGER; SARTORI e CARDOSO, 2016).

De acordo com Souza (2013) às práticas pedagógicas educacionais se caracterizam pela maneira de se refletir sobre as formas de se conduzir a mediação, visto que:

1. Considera as particularidades desta contemporaneidade marcada pelo universo midiático e tecnológico;
2. Estabelece um ecossistema comunicativo nas relações de um determinado espaço educativo;
3. Amplia as possibilidades comunicativas estabelecidas entre os sujeitos que participam do processo educativo (comunidade escolar, crianças, família e sociedade);
4. Preocupa-se com o uso pedagógico de recursos tecnológicos e midiáticos;
5. Favorece uma relação mais ativa e criativa desses sujeitos diante das referências midiáticas que fazem parte de seu contexto de vida (SOUZA, 2013, p. 198).

Segundo Souza (2013) a comunidade escolar precisa compreender a conexão entre as áreas da educação e da comunicação, e considerar que o entendimento sobre esta relação é fundamental, pois na atualidade é perceptível a presença da descentralização do conhecimento.

A ausência de diálogo entre os campos da educação e da comunicação para temas que estas áreas apresentam em comum é um fator que colabora para a existência de práticas pedagógicas segmentadas, e que não tem sentido, desconsiderando elementos pertinentes às duas áreas, perdendo assim, oportunidades valiosas, para a ampliação do potencial crítico dos alunos sobre o funcionamento integral da sociedade contemporânea, onde frequentemente alteram-se a concepção de referências que

compreendem os campos da educação e comunicação, essa característica não é exclusividade da educação dos jovens, deve ser presente também na formação dos professores (SOUZA, 2013).

Nessa perspectiva, compreende-se que é preciso olhar atentamente para a diversidade cultural presente no ambiente escolar, abrindo espaço para o diálogo, pressuposto essencial para criação de um ecossistema educacional.

Sendo o conceito de prática pedagógica educacional, uma ação mediadora que tem como objetivo o fortalecimento do ecossistema educacional entre todos os envolvidos no processo educacional, além de viabilizar a estruturação de espaços de aprendizagem atuais, através do vínculo ativo e criativo dos alunos com suas referências midiáticas (SCHÖNINGER; SARTORI e CARDOSO, 2016).

Neste contexto, surge a indagação sobre como se configura um espaço de aprendizagem atual, tornando-se propício para despertar e nutrir a criatividade do aluno. De acordo com Sartori (2010) a aprendizagem na diversão pode ser adquirida através da observação distraída, para isso a escola precisa saber lidar com ela, através de aprendizagens edificadas pelo convívio com as novas linguagens, gerando espaços que permitam que as narrativas reflitam sobre as identidades locais e grupais, para a autora, ecossistemas educacionais são proporcionados e potencializados por meio da criação de condições que ofereçam aos educandos meios para dizer a sua própria palavra, se expressando de forma significativa, participativa e transformadora, como cidadãos. “Trata-se de nova tarefa para a escola: dialogar com a aprendizagem distraída” (SARTORI, 2010, p. 47).

Sobre o ecossistema educacional, entende-se que tem como pilares o diálogo e a participação de sujeitos, porém para que este envolvimento aconteça é necessário que uma renovação ocorra, para que ações e práticas pedagógicas alcancem seu objetivo, ou seja, o ensino e a aprendizagem.

Não há projeto pronto, não há práticas prontas. As práticas pedagógicas deverão se reorganizar e se recriar a cada dia para dar conta do projeto inicial que vai transmutando-se à medida que a vida, o cotidiano, a existência o invadem. Há uma "insustentável leveza" das práticas pedagógicas que permite a presença de processos que organizam comportamentos de adaptação/ renovação decorrentes das transformações inexoráveis que vão surgindo nas múltiplas mediações/ superações entre mundo e vida (FRANCO, 2017, p. 181).

Verifica-se que a renovação se inicia na instigação de práticas pedagógicas reconsideradas e refletidas, modeladas a partir da compreensão de que ensinar e aprender devem se estabelecer através do diálogo e da troca de experiências, oportunizando a participação ativa do aluno, além da disponibilização de um ambiente propício para práticas e atividades em diversas esferas, sendo o estudante o sujeito ativo, e não um simples ouvinte, copiador e memorizador, inerte. Entender seu papel de protagonista no seu ensino faz com que o aluno passe a ser o principal responsável pelo seu conhecimento, se revelando um aluno ativo e participativo.

Referências

- ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho. *Projetos de intervenção em educomunicação*. 2016. Disponível em: http://issuu.com/ligiacarvalho77/docs/as_reas_de_interven. Acesso em: 18 ago. 2021.
- ANDRADE, Marcia Regina Selpa. Formação de professores e políticas educacionais. *Revista Contrapontos*, v. 4, n. 2, p. 259-267, 2004. ISSN: 1984-7114.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. *Comunicação & Educação*, v. 14, n. 3, p.19-28. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v14i3p19-28>. Acesso em: 15 abr. 2022.
- BOMFIM, Filomena Maria Avelina. *Educomunicação em espaços de vulnerabilidade social: Protagonismo social em defesa da cidadania*. 1 ed. Porto Alegre: Simplíssimo, 2019. ISBN: 978-65-804-6147-9.
- CITELLI, Adilson Odair; SOARES, Ismar; LOPES, Maria Immacolata Vassallo. Educomunicação. *Comunicação & Educação*, v. 24, n. 2, p. 12-25. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v24i2p12-25>. Acesso em: 25 jun. 2021.
- COSTA, Elisângela Rodrigues da. Educomunicação e Mídiaeducação: um estudo comparativo entre as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.1. Rio de Janeiro. 2016. *Questões teóricas e formação profissional em comunicação e educação*, v. 1, p. 91-107, 2016. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/yc8gx/pdf/nagamini-9788574554396.pdf#page=89>. Acesso em: 08 ago. 2021.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. Práticas pedagógicas nas múltiplas redes educativas. In: LIBÂNEO, José Carlos; ALVES, Nilda (Org.). *Temas de pedagogia: diálogos entre didática e currículo*. São Paulo: Cortez, 2017, p.169-188. ISBN: 978-85-2491-942-8.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 12ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979. ISBN: 978-85-7753-427-2.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. ISBN: 978-85-7753-222-3.

KAPLÚN, Mario. Processos educativos e canais de comunicação. *Comunicação & Educação*, n. 14, p. 68-75, 1999. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i14p68-75>. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/comueduc/article/view/36846> . Acesso em: 25 abr. 2022.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação à educação. *Comunicação & Educação*, n. 18, p. 51-61, 2000. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i18p51-61>.

MORAN, José Manuel. *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. Papirus Editora, 2007. ISBN: 978-85-308-1103-7.

SALVATIERRA, Eliany. *Ecosistema cognitivo e comunicativo*. São Paulo, v. 7, 2010. Disponível em: <https://docplayer.com.br/31008961-Ecosistema-cognitivo-e-comunicativo-1-eliany-salvatierra.html>. Acesso em: 02 jun. 2022.

SARTORI, Ademilde Silveira; SOARES, Maria Salete Prado. *Concepção dialógica e as NTICs: a educomunicação e os ecossistemas comunicativos*. Colóquio Internacional Paulo Freire, Recife. Anais eletrônico. Recife: USP, 2005. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/86.pdf>. Acesso em: 30 jun.2021.

SARTORI, Ademilde. Educomunicação e sua relação com a escola: a promoção de ecossistemas comunicativos e a aprendizagem distraída. *Comunicação Mídia e Consumo*, v. 7, n. 19, p. 33-48, 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.18568/cmc.v7i19.193>. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/193>. Acesso em: 11 jan. 2021.

SARTORI, Ademilde Silveira. Ecosistema educacional: comunicação e aprendizagem em rede. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 22, n. 48, p. 62 - 79, 2021. DOI: 10.5965/1984723822482021062. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/19624>. Acesso em: 18 mar. 2022.

SCHAUN, Angela. *Educomunicação: reflexões, princípios*. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2002. ISBN: 85-7478-073-1.

SCHÖNINGER, Raquel Regina Zmorzenski Valduga; SARTORI, Ademilde Silveira; CARDOSO, Fernando Luiz. Educomunicação e prática pedagógica educacional:

uma revisão sistemática. *Cadernos de Pesquisa*, v. 23, n. 1, p. 1-11, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2178-2229.v23n1p1-11>. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/4626>. Acesso em: 16 jan. 2021.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. *Comunicação & Educação*, São Paulo. n.19, p. 12-24, 2000. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i19p12-24>. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/comueduc/article/view/36934/39656>. Acesso em: 20 jan.2022.

SOARES, Ismar de Oliveira. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação, *Comunicação & Educação*, São Paulo. n. 23, p. 16-25, 2002. DOI:<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i23p16-25>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37012>. Acesso em: 26 ago.2021.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio*. São Paulo: Paulinas, 2011. ISBN: 978-85-3563-331-3.

SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir; XAVIER, Jurema Brasil. *Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural*. São Paulo: ABPEducom, 2017. Disponível em: <https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/book/1>. Acesso em: 12 fev. 2022.

SOUZA, Kamila Regina de. *Desenhos animados e educomunicação: as brincadeiras das crianças e a prática pedagógica da educação infantil*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/151/kamila_regina_de_souza.pdf Acesso em: 10 jan. 2022.

THE EDUCOMMUNICATION FROM THE PEDAGOGICAL PERSPECTIVE: IMMERSION OF EDUCATIONAL SPACES IN AN EDUCOMMUNICATION ECOSYSTEM

ABSTRACT

The understanding of the term 'educommunication' and how it applies as a pedagogical practice is directly related to the creation of the educommunication ecosystem, since this ecosystem can provide means for the intellectual, technological and creative development of students, and this environment is suitable for access information, sharing experiences, communication and

270

Revista de Letras Norte@mentos

Dossiê "Decolonialidades e Interculturalidades", Sinop, v. 15, n. 41, p. 254-271, dez. 2022.

learning. The objective of this work is to show the possibilities, from Educommunication linked to pedagogical practice, of building an educommunicative ecosystem by teachers of the early years of elementary school. As a methodology, the theoretical reference was articulated on the concept, without exhausting it. As a result of the discussion, the possibilities of building an educommunicative environment based on the teacher's reflection and action were highlighted.

Keywords: Educommunication. Educommunication Ecosystem. Education.

Recebido em: 10/07/2022

Aprovado em: 05/11/2022